

REPRESENTAÇÃO E GÊNERO: A MULHER PARANAENSE EM REVISTA

Tânia Terezinha Marcondes¹

Nírcia Cecília Ribas Borges Teixeira²

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar a representação do gênero feminino na imprensa paranaense no início do século XX, buscando determinar e questionar o porquê e os fatores, que levavam a imprensa da época atual, a colocar tais representações identificadas na revista. Sendo assim, o tópico de maior importância desempenhado nesta pesquisa tem como foco, descrever de que forma a mulher estava sendo representada pela imprensa a partir do século XX, se a imprensa ajudava positivamente ou negativamente no andar do feminismo. Sendo assim, busca-se analisar as imagens editadas no periódico, avaliando também, como ocorreu a inserção da mulher no espaço público, além de verificar seu cotidiano no espaço privado, a fim de, averiguar as mudanças mais significativas. As variedades de formas de que a mulher estava causando no espaço público, no dia a dia, na convivência fora de casa, estava sendo destacada através da imprensa paranaense na época, era esta, a qual retratava as mudanças no público feminino. Portanto, o *corpus* analisado serão as imagens publicadas no periódico/revista paranaense *O Olho da Rua*, abril de 1908, sendo que, esta percorreu entre 1907 e 1911. Para realizar a investigação do tema da imagem da mulher, será feito estudo sobre assuntos teóricos ligados ao gênero feminino, à história do feminismo, à representação e às teorias relacionadas às mulheres.

Palavras-chave: imprensa, gênero, feminismo, mulher.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo da pesquisa é analisar a imagem da mulher representada na imprensa paranaense a partir do século XX, bem como buscar identificar os fatores que levavam a imprensa da época atual a colocar tais representações expressas na revista. Sendo assim, têm-se como *corpus* da pesquisa, as imagens publicadas no periódico *O Olho da Rua*. Busca-se avaliar como ocorreu a inserção da mulher no espaço público, além de verificar seu cotidiano no espaço privado, a fim de averiguar as mudanças mais significativas. As variedades de formas de que a mulher estava causando no espaço público, no dia a dia, na convivência fora de casa, estava sendo destacada através da imprensa paranaense, era esta a qual retratava as

¹ Acadêmica do 4º ano de Letras Português e Literatura da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO.

² Professora Drª lotada no Departamento de Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO.

mudanças no público feminino. Para fazer as devidas análises, será levado em consideração às questões relacionadas ao termo Representação e as questões de Gêneros.

O Olho da Rua foi uma das revistas curitubanas do início do século XX, a qual teve maior duração, persistindo entre 1907 e 1911, garantiu seu lugar como uma das principais publicações de humor da cidade. Manteve a periodicidade quinzenal com estabilidade, chegando a ser semanal no início de 1908. Seu preço inicial era de 200 réis cada exemplar, subindo para 300 réis a partir do número 6. O aumento de preço aconteceu logo após uma significativa ampliação da tiragem da revista: a princípio 2.000 exemplares, a duplicação para 4.000 exemplares a partir do número 4 demonstra o crescimento e a aceitação de *O Olho da Rua* entre o público leitor³. Abaixo, na figura 1, a capa da edição nº19, de janeiro de 1908 do periódico:

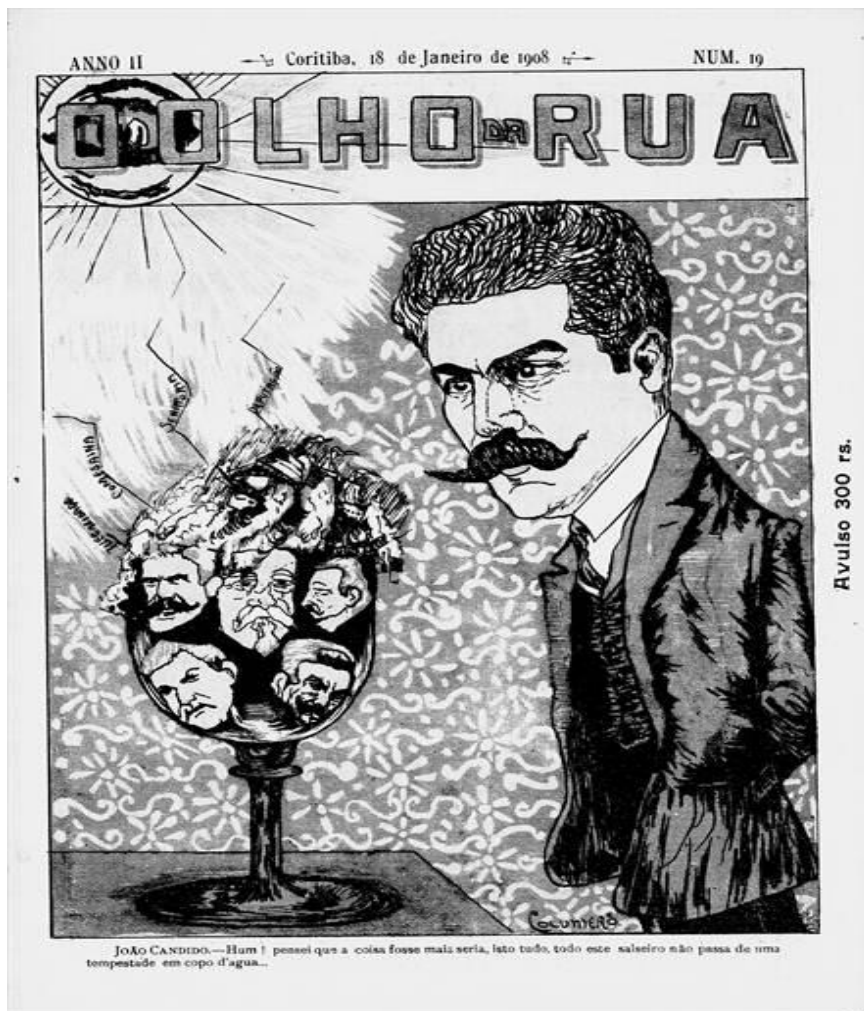


Figura 1. Revista *O Olho da Rua*, janeiro de 1908.

³ Fonte: <www.revistascuritubanas.ufpr.br/ordemalfabetica.php>. Acesso em: 30 de out. de 2012.

2 REPRESENTAÇÃO E GÊNERO

Quando se fala em representação, pode vir logo à mente que, é algo falando de alguma coisa, pois segundo o dicionário Aurélio (2004) quer dizer:

Representação: 1. Ato ou efeito de representar (-se). 2. Exposição escrita de motivos, de queixas, etc., a quem de direito. 3. Coisa que se representa. 4. Reprodução daquilo que se pensa. 5. Aparato inerente a um cargo, ao status social. 6. Qualidade indispensável ou recomendável: *Falta-lhe certa representação para o cargo que aspira*. 7. Posição social elevada: *família de representação*. 8. O conjunto dos representantes [v. representante (2 e 3) que atraem, em geral, de maneira coordenada; delegação: *a representação do Brasil no Campeonato Mundial de Futebol*; *a representação do Piauí no Senado*. 9. Filos. Conteúdo concreto apreendido pelos sentidos, pela imaginação, pela memória ou pelo pensamento. [Cf., nesta acepç., *ideia* (12).]. (FERREIRA, 2004, p. 1738).

Desse modo, pode-se tomar como conceito relacionado ao real, realidade, identidade, linguagem, discurso e cultura. Também se relaciona ao poder, visto que os discursos representativos estão vinculados ao meio sociável, permeando nos grupos dominantes.

O historiador francês Roger Chartier (1989) ao questionar sobre representação no texto – “O Mundo como Representação” considera que:

Ao trabalhar sobre as lutas de representação, cuja questão é o ordenamento, portanto a hierarquização da própria estrutura social, a história cultural separa-se sem dúvida de uma dependência demasiadamente estrita de uma história social dedicada exclusivamente ao estudo das lutas econômicas, porém opera um retorno hábil também sobre o social, pois centra a atenção sobre as estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um ser-percebido constitutivo de sua identidade. (CHARTIER, 1989, p. 183-184).

Por meio disso, nota-se a designação feita por Chartier (1989), estabelecendo a questão da história cultural, perante a sociedade, como uma das relevâncias que passa pelo meio onde, ocorre a criação de identidades, devido aos olhares de fora, que fazem com que determine tais construções, ou seja, a representatividade pode ser vista ou ter o poder de hierarquizar algo no mundo.

O que aqui se pretende argumentar é que além do papel social definido em feminino e masculino, as representações e imagens de gênero constroem e esculpem os corpos biológicos, não só como sexo genital mas igualmente moldando-os e assujeitando-os às práticas normativas que hoje se encontram no Ocidente. (SWAIN, 2001, p. 68).

Na consideração de Swain (2001), acima, avista-se que o gênero, através de representações e imagens, de certa forma, é atribuído a “normas” a serem direcionados, fazendo a construção do gênero, destacando a diferenciação de um sexo para o outro.

O trabalho “Gênero na teoria social - Papéis, interações e instituições” de Juliana Anacleto dos Santos (2010), coloca em cheque, questões referentes ao gênero, propondo demonstrar como o gênero é feito a construção deste mesmo, quais os tipos de teorias que traz compreensões sobre o que é gênero e como ele é visto pela sociedade em geral.

Ao conceito de gênero é atribuída a construção social que torna desiguais mulheres e homens. Sua utilização representou um caráter de contraponto respondendo as interações biologistas que vinculam a diferença sexual às posições sociais hierarquicamente diferentes entre homens e mulheres. (SANTOS, 2010, p. 01)

As atribuições vêm das apresentações biológicas existentes entre o homem e a mulher, sendo isto, edificado desde os primitivos, onde é habilitado no início da vida do ser humano, o que é ser homem, o que convém para um menino, para se tornar homem e o que convém para uma menina para se tornar mulher, sendo estabelecido por meio de costumes da cultura existente na vida/família de cada um.

O termo “gênero” também é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. Seu uso rejeita explicitamente explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum, para diversas formas de subordinação feminina, nos fatos de que as mulheres têm a capacidade de dar à luz e de que os homens têm uma forma muscular superior. Em vez disso, o termo “gênero” torna-se uma forma de indicar “construções culturais” – a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. (SCOTT, 1996, p. 75).

São levantadas questões referentes ao sexo, sendo denominada a ideia de que, a desigualdade entre os gêneros são vistas pela questão biológica, aquela visão de que as mulheres têm capacidade inferior a dos homens, devido a sua fragilidade física/ biológica. Por isso, o que geralmente ocorre, começa a partir da educação, na infância, por exemplo, o brinquedo, a cor da roupa que é adequado para o menino e o que é adequado para a menina.

Os primeiros ensaios sobre as desigualdades entre mulheres e homens buscavam se situar sobre o aspecto feminino, sobre seu corpo e sexualidade. As características biológicas, entre elas a pouca força física e até mesmo o menor peso do cérebro, estavam no centro desta concepção. Na tentativa de explicar que é da “natureza” feminina ser frágil e é da “natureza” masculina ser forte. Que o lugar “natural” da mulher é a casa, e o lugar “natural” do homem é a rua. Esta naturalização da condição humana nada mais é do que uma resposta para legitimação das desigualdades sociais. (SANTOS, 2010, p. 03).

Juliana Anacleto dos Santos (2010) destaca que com o avançar do capitalismo industrial, as condições históricas se transformam, assim o avanço do feminismo também ganha crescimento, “- “pegando carona” nas mudanças que marcaram a história ocidental europeia a partir do século XVIII, vinculando ao desenvolvimento da democracia através das Revoluções Francesa e americana” (SANTOS, 2010, p. 04).

Assim, com o avanço na sociedade, tornando-se moderna, o movimento das mulheres ganha espaço, adquirindo mais forças para atuar dentro do público social, na política, saindo do ambiente da vida doméstica privada. Com a industrialização, produção de máquinas, o trabalho feminino, já que era dispensável, por elas não possuírem forças biológicas, como era questionado, a partir deste período (século XX), tanto homens, quanto mulheres poderão exercer funções no ambiente de trabalho fora de casa.

Há muitos anos, a história de emancipação feminina é construída, devido a inúmeras ocorrências pela busca da igualdade entre gêneros. À mulher, sempre coube assuntos ligados ao privado, filhos, casa, marido, enfim, a mais conhecida, tendo como profissão: Do lar. Sempre tendo que portar-se como a mãe exemplar, esposa dedicada, mantendo a passividade e a submissão ao sexo oposto.

O fato de as mulheres serem vistas como o sexo frágil, fez com que elas fossem reprimidas diante das possibilidades de exercerem funções de trabalho, onde, sofreram constantemente preconceitos, os quais afetavam e até mesmo impediam o desempenho de tarefas referentes ao trabalho realizado por elas. Para Mariana Coelho, “o sexo feminino, ninguém o pode contestar, tem vivido séculos e séculos verdadeiramente asfíxiado sob a prepotência masculina de acomodatória tradição, na qual tem ela impunemente sufocado as suas preciosas faculdades intelectuais e de trabalho”. (COELHO, 2002, p. 47-48).

Aparecida Vaz da Silva Bahls, no trabalho “A sociedade em Destaque” afirma que “As mudanças no comportamento feminino ocorridas nas primeiras décadas do século XX anunciavam o início de novos tempos no âmbito familiar”. Esta era a época dos novos espaços de trabalho e lazer, comportamentos diferentes no modo de pensar e agir dos brasileiros.

Na cidade moderna, a divisão espacial entre o público e o privado, separando homens e mulheres, tornou-se tênue. Enquanto os primeiros se reuniam em bares e cafés, as mulheres se compraziam em apreciar as vitrines das lojas, seduzidas pelos ditames da moda, e a frequentar os teatros para assistir a ópera e ao moderno cinematográfico. A evolução dos meios de transporte, com o uso do bonde e do automóvel, encurtando as distâncias e aproximando as pessoas, também favoreceu essa modernidade. Afora os locais de lazer, o espaço da mulher na sociedade se expandia, atingindo a indústria, o comércio e os serviços públicos e privados. As novas profissões para as brasileiras, entretanto, tinham seus limites, visto que eram os obstáculos para o exercício de certos ofícios. (BAHLS, 2009, p. 108).

A busca por ver as modificações na vida das mulheres, representada pela imprensa, é o meio de refletir o trajeto vivenciado pelas mulheres, o que não foi nada simples, pois, vários foram os motivos que levaram as feministas a buscarem suas conquistas, seus desejos e anseios.

O Olho da Rua mostra a realidade do final do século XIX e começo do século XX, tentando revelar a identidade paranaense em busca da civilização, e assim, por meio do discurso imagético, o periódico questiona o espaço feminino designado naquela atualidade. No entanto, quando se referia às mulheres, basicamente era para indicar o comportamento social que seria aceito. Assim, encontra-se nas páginas da revista *O Olho da Rua*, ilustrações de todos os acontecimentos da “nova” Curitiba. As imagens das mulheres no ambiente público, em momentos sendo criticadas, por estar dirigindo um automóvel, o que antes, era só o homem que o fazia.



Figura 2. Revista *O Olho da Rua*, abril de 1908.

3 OCORRÊNCIAS NO FEMINISMO

O século XX foi marcante na sociedade brasileira, devido às grandes revoluções positivas na sociedade, tanto cultural como econômica, em especial para as mulheres, pois houve grande transformação na vida destas, já que anteriormente elas eram totalmente submissas, dependentes e a partir deste século, com muitos obstáculos enfrentados, elas começam a fazer uma “reviravolta” na história do feminismo.

Nos tempos antigos, o olhar voltado para as mulheres era de que elas eram um objeto, por motivo de serem totalmente mandadas pelo marido e obedientes aos seus caprichos e desejos. Porém, graças ao desenvolvimento do país, e, principalmente às pioneiras feministas revolucionárias, que contestavam a favor das mulheres, de forma que ampliava o desenvolvimento da liberdade, com suas reivindicações feitas em público, como também com publicações de grandes obras, o rumo na vida das mulheres começou a ganhar força liberal diga-se assim. Um dos fatores que contribuiu para ocorrer a independência das mulheres, foi a 1ª e 2ª guerra mundial.

Douglas Kellner (2001) faz uma demonstração do trajeto do movimento feminista, destacando algumas ocorrências na batalha das feministas, para obterem o espaço, ao qual, almejavam há décadas. Teorias vinham amparando/auxiliando nos trabalhos das mulheres, como destaque tem-se a grandiosa obra, *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir:

O feminismo logo passou a ser parte dos novos discursos teóricos em todo o mundo. No fim dos anos 1960, por meio de movimentos radicais, as mulheres começaram a revoltar-se contra aquilo que consideravam práticas opressivas das sociedades patriarcais contemporâneas e de seus consortes. A primeira onda do feminismo dos anos 1960 descobriu clássicos como *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, o texto feminino de grande riqueza, e a importância da experiência e da cultura das mulheres para o projeto radical. Ocorreram muitos casamentos – frequentemente muito infelizes – entre feminismo e marxismo, enquanto outras variedades da teoria feminista encontravam importantes ferramentas na psicanálise para o estudo da opressão e das experiências das mulheres e para a reconstrução de indivíduos mais acolhedores, sensíveis e amorosos. Portanto, assim como ocorreu com o marxismo, emergiu uma enorme gama de teorias feministas, muitas vezes em guerra entre si assim como contra os discursos masculinos. (KELLNER, 2001, p. 34-35).

Desde a Grécia antiga, as mulheres sofreram preconceitos, humilhações, nem cidadãs eram consideradas, passaram séculos e mais séculos enfrentando a desvalorização, sendo vistas como um objeto. Viam-se obrigadas a aceitar a ideologia e a cultura patriarcal, vivendo sob o controle dos homens. Entretanto, foi a partir do século XX que se começa a reversão do pensamento inferior atribuído à imagem feminina. Ela começa a tomar posse em direitos igualitários ao sexo oposto. Os grupos de feministas se reúnem cada vez mais, para discutir o papel da mulher na sociedade, buscando a conquista de novas mudanças, de focar na ideia de extinguir as diferenças sociais entre o homem e a mulher.

Ao ver as ocorrências históricas sobre a vida das mulheres brasileiras, Constância Lima Duarte (2003), diz que esses momentos, são chamados de ondas do feminismo, a qual ela classifica em quatro.

3.1 Primeira onda – As primeiras letras

A Primeira Onda ocorre no início no século XIX, quando a maioria das mulheres, viviam enclausuradas, sofrendo preconceitos culturais. Tinham como objetivo principal aprenderem a ler e a escrever, o que era então prudente somente aos homens. Em 1827, elas conseguiram a autorização para a abertura de escolas públicas femininas, pois não havia nenhuma, o que tinha de opção, eram alguns conventos que, mantinham as meninas “presas” até o casamento. Algumas mulheres serviam como prendas domésticas, nas poucas escolas particulares em casa das professoras, e, foram essas, que obtiveram uma educação diferenciada, às quais, tomaram o direito em expandir o conhecimento para às demais companheiras e, sobretudo demonstrarem que a mulher precisava e tinha o direito de saber ler e escrever. A feminista que se destaca neste período, é Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810 – 1885).

3.2 Segunda onda – Ampliando a educação e sonhando com o voto

A Segunda Onda acontece por volta de 1870, a qual fica marcada pela presença evidente de característica feministas, em jornais e revistas, editados no Rio de Janeiro e outros lugares do país. Entre os periódicos publicados, encontram-se *O sexo Feminino*, o qual era dirigido por Francisca Senhorinha da Mota Diniz. Outro jornal que marcou época foi *Echo das damas*, editado por Amélia Carolina da Silva Couto. Os jornais *O Domingo* e o *Jornal das Damas*, ambos de 1873, tratavam de assuntos sobre a vida doméstica, receitas e novidades sobre moda, e também, junto às emoções do romance-folhetim e dos poemas, traziam artigos clamando pelo ensino superior e o trabalho remunerado. A jornalista que marcou neste período, pelo fato de ter se aprofundado mais nas questões sobre construção ideológica do gênero feminino, foi Josefina Álvares de Azevedo.

3.2 Terceira onda – Rumo à cidadania

A Terceira Onda no início do século XX, é a Onda em que as mulheres de forma organizada, reivindicam o direito pelo voto, ao ensino superior, e, à ampliação no campo de trabalho, queriam trabalhar no comércio, nas indústrias, em hospitais, pois até então, eram vistas como se tivessem competência para trabalhar somente como professora. Destacam-se

entre elas, Bertha Lutz (1894-1976), Maria Lacerda de Moura (1887-1945), Ercília Nogueira Cobra (1891-1938).

3.4 Quarta onda - Revolução sexual e Literatura

A Revolução sexual e Literatura é a Onda considerada mais exuberante, acontece nos anos setenta. A esta altura, obviamente, todas as reivindicações feitas pelas mulheres era visto como algo natural. O ano Internacional da Mulher torna-se em 1975. Uma das metas nessa década era diminuir com a discriminação sexual. As mulheres, até mesmo as que não eram tão feministas, reuniam-se em congressos, para discutir melhoria nas condições de trabalho. É nesse período, em que a ONU declara como oficial o dia 08 de março, o dia Internacional da Mulher.

Em se tratando das mulheres na imprensa, notam-se as referências, geralmente quando se fala de assuntos relacionados a fatos que estão fora do mundo social público. Quase sempre deixando suposto, a ideia de que a mulher interessa-se somente com a estética, tratando-a como um objeto, que está inserido no meio do consumo excessivo, de superficialidades. A imprensa dificilmente leva em seus periódicos, questionamentos/textos sobre o porquê, de existir tanta desigualdade entre os direitos de trabalho, por que as mulheres são tão discriminadas, quando se fala a respeito do sexo. Obviamente que não escreverão, por que, qual será o benefício lucrativo que a imprensa terá, em redigir tais temas? Bem menos, ao que se trate de roupa ou receitas, por exemplo.

Dulcília Schroeder Buitoni (1990) destaca em sua obra alguns temas que geralmente são editados para o público feminino, independente de qual tipo de revista/jornal seja, ou para qual público seja destinado:

A imprensa em geral, que visa o conjunto do público e não a um sexo determinado, seria o verdadeiro jornalismo, lugar onde se lida principalmente com o fato político. No pensamento de muitos, inclusive de estudiosos de Comunicação, a imprensa feminina resume-se em revistas de moda, culinária, fotonovelas, enfim, distração, lazer, consumo, para não dizer alienação. (BUITONI, 1990, p. 11).

Em se tratando da vida matrimonial, houve reivindicações da parte delas, debatendo questões a respeito do divórcio, em optar por ter ou não filhos. Enfim, foram diversos acontecimentos que marcou a história da mulher neste século. Questões políticas, revoluções culturais e industriais, guerras, aspectos científicos e filosóficos, como por exemplo, o marxismo.

A desigualdade de salários foi uma das principais reivindicações que tentaram mudar, pois a diferença era tanta que elas determinavam como uma exploração. Com determinação foram construindo seu espaço, denunciando as injustiças e contradições sociais.

Em meados de 1940 as feministas saíam de casa para trabalhar fora sem ter de pedir autorização para o esposo, tendo assim, mais uma vitória alcançada pela busca da liberdade.

Em 1944 as francesas conquistam o direito de votar e ser candidata a cargos políticos. Apesar de terem alcançado este objetivo, representando uma grande mudança social, as mulheres sofreram preconceitos dentro desse espaço público, devido obviamente às ideologias discriminatórias, que pregavam que o lugar da mulher era dentro de casa, cuidando dos trabalhos domésticos e dos filhos.

4 MULHER DO SÉCULO XX NO PARANÁ

Nas primeiras décadas do século XX, em especial em Curitiba/Paraná, observam-se que, os comportamentos aceitos nesse momento, e, modificados por parte delas, partem do momento em que as mulheres tomam “posse” de lugares, onde há o discurso impresso, diferenciado do que elas estavam acostumadas a lerem.

Sendo assim, a libertação cada vez maior, através do conhecimento, da ênfase no momento em que, as mulheres têm acesso a leituras. E, é a partir do acesso aos clubes na nova sociedade paranaense do século XX, em específico ao clube literário em Curitiba, no Paraná, que estabelece maior visibilidade aos olhos das mulheres. Passando de mulheres leitoras de romances no espaço privado, para leitoras de jornais e revistas no espaço público.

Os cafés, os círculos e clubes, as salas de leitura, onde se leem principalmente os jornais, são reservados aos homens. Todavia, as mulheres insinuavam-se no jornal pelos rodapés – a parte de baixo das páginas dos jornais – que lhes eram progressivamente reservados, sob a forma de crônicas de viagens ou mundanas e, sobretudo, de romances-folhetins, cada vez mais femininos por suas intrigas, suas heroínas e até sua moral. (PERROT, 1998, p. 78-79).

O vínculo que as mulheres passam a ter, juntamente em espaços, onde elas têm contato e acesso às leituras, não somente de romances, mas sim de leituras críticas, diferenciadas ao que elas estavam acostumadas a fazer, contribui para o ingresso das mesmas, em permearem no âmbito da produção de escritas em jornais e produções literárias. Afirma Wilma de Lara Bueno (2002):

De leitoras de romances, nas reservas do espaço privado, à condição de escritoras de obras diversas, as mulheres se projetaram em direção à conquista do mundo da escrita nos jornais, nas sessões de modas e de beleza, nos conselhos caseiros e nas manifestações literárias, sendo a poesia um espaço de incidência e de revelação do interior feminino. Na cidade de Curitiba, por exemplo, a pesquisa constatou que, em 1933, no contexto da fundação do Centro Paranaense de Cultura Feminina, as mulheres – advogadas, jornalistas e professoras – se dedicaram à escrita, expressando opiniões em jornais, revistas, e publicaram obras literárias, contando com o apoio de editoras, muitas delas de tímida projeção.

A vida social das mulheres toma novos rumos. Ao participarem do ambiente, onde tinham agora, uma área de lazer, estavam sendo privilegiadas, pois com a inserção nos clubes, suas ações partem da expressão do pensamento, que elas têm por vontade própria, sem serem dominadas pelos homens. Com isso, o avanço feminista, abre leques na construção das múltiplas identidades femininas, não terá só a mulher com a tarefa de mãe e dona de casa, porém leitoras, escritoras, produtoras.

5 UM OLHAR SOBRE AS IMAGENS DA REVISTA PARANAENSE: *O OLHO DA RUA*

As imagens podem descrever a situação em que se encontra algum fato, num determinado momento no espaço social, por isso pode-se chamar imagem/foto de signos, pois através destes se fazem análises observados, fazendo-se levantamentos de questões interpretativas dos signos. Sendo assim, a mídia faz muitas vezes o uso de imagens não só verbais, como não verbais, para chamar a atenção do público leitor, de forma que sirvam como exemplo o estado em que o “assunto” tratado, (no caso aqui a mulher) está passando no momento atual.

Platão & Fiorin (2006) definem que o texto não verbal “recria e transforma a realidade segundo a concepção de quem o produz. Nele há uma simulação da realidade, que cria um efeito de verdade” (PLATÃO & FIORIN, 2006, p. 371-377). Portanto, com esta afirmação, pensamos que as imagens postas pela imprensa exemplificam uma verdade “absoluta”, ou seja, retrata a reciprocidade social.

A figura 3 representa por meio da imagem, o lugar fora de casa que a mulher se encontra. Portanto percebe-se que, a mulher, que estava sendo referenciada no dado momento, no ambiente social, o interesse pelo trabalho intelectual, as formas de ela estar se comportando naquele espaço, suas vestimentas, o cenário que ela estava frequentando, a independência em realizar o trabalho por si própria. A mulher que tinha acesso ao papel escrito, à leitora de jornais e livros. Enfim, a nova, a futura, a identidade da mulher que

através de obstáculos, quebra de preconceitos, realmente estava no lugar onde, por tempos buscava estar.



Figura 3. Revista *O Olho da Rua*, abril de 1908.

Na figura 4, observa-se a imagem verbal, a escrita, aqui se refere à descrição da mulher, apesar de toda a revolução na história das mulheres, ainda nesta figura presencia-se a demonstração machista voltado para cima das mulheres, o pensamento preconceituoso a respeito da mulher: “A que mette a ponta do pé para dentro é maliciosa, pouco animada e pouco sincera”, colocando em destaque qual era o modelo ideal feminino para a sociedade, fazendo comparações através do modo, de a mulher se portar, através do andar e de seus gestos.

Esta imagem escrita ficava na “Seção Feminina” da revista, que tinha como título “Álbum das Moças”. As leitoras, ao se depararem com texto deste tipo, tomam obviamente como exemplo para elas se portarem diante dos homens, levando em mente ao estarem se expondo na rua, ou em outro lugar, estarão sendo avaliadas por esses indivíduos. Sendo

assim, são influenciadas por esses tipos de leituras, às quais de certo modo, as prendiam a terem a sua própria forma de ser, com receio de que sejam criticadas.

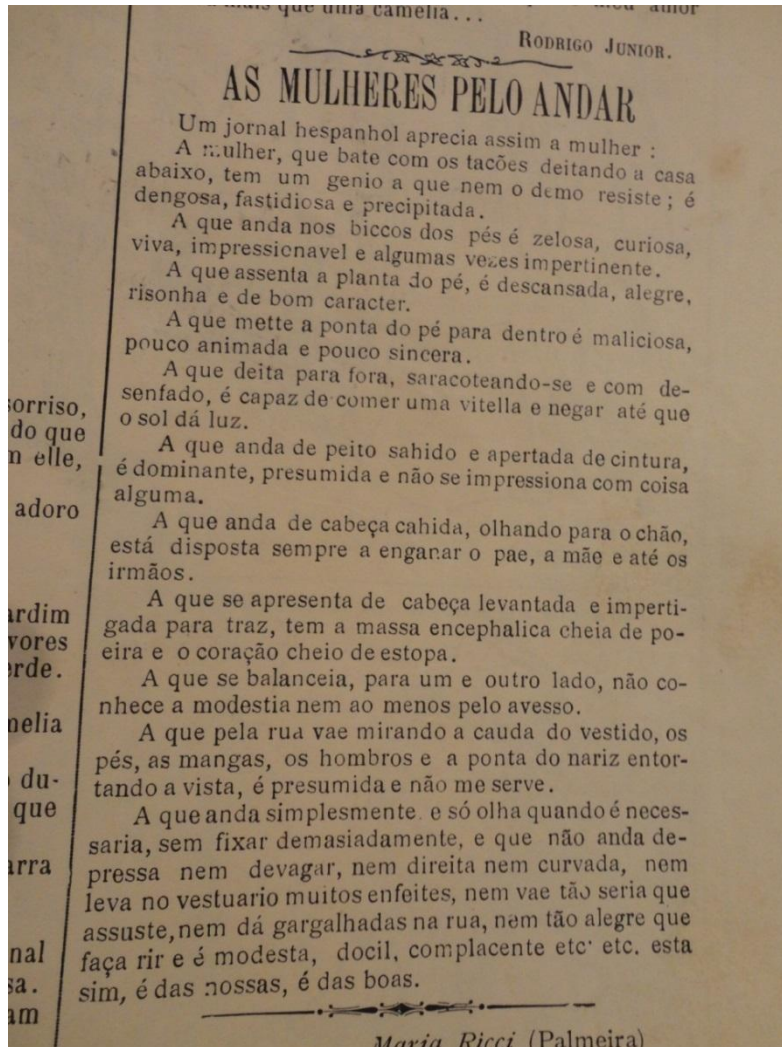


Figura 4. Revista *O Olho da Rua*, março de 1908.

Muito se fala em igualdade entre gêneros, em todos os aspectos da vida, porém a mídia jamais deixa de separar as diferenças entre o homem e a mulher. Sempre afoita a ter lucros, ou seja, usufruir sucesso em cima de “explorações”, geralmente as revistas direcionam suas principais propagandas, para o público feminino. A mídia age de forma egoísta diga-se assim, em prol de sucesso e, obviamente, o retorno financeiro.

Imagens de belas mulheres, geralmente famosas, às quais têm o corpo e a pele perfeita, são colocadas nas propagandas para vender cosméticos, sapatos, roupas, objetos, enfim, com o intuito de convencer a leitora a comprar mais e mais.

Na revista curitibana *O Olho da Rua*, há amostra disso, por meio do que está na moda, qual a roupa adequada para a estação, do momento, que a mulher deve usar:

CANTO & COMP.

Depois de uma reforma porque passou o nosso estabelecimento, estamos em condições de bem servir as Exmas. Famílias, que distinguem com a sua valiosa frequência, dispondo de um bello sortimento de colletes, que devido as continuadas partidas de modelos recebidos de Paris, podemos assegurar serem os mais modernos que se vendem n'esta capital.

FABRICA DE ESPARTILHOS

RUA 15 DE NOVENBRO N. 62

Fabricamos toda a especie de collete, e por qualquer modelo que nos seja indicado.

¶lem do grande sortimento acima citado de que somos especialistas, possuímos ehics colleções de:

Ruches, Gazes de seda, Alamares, Saias de baixo, Vestidos e Blusas em corte, Casacos, Aventaes finissimos, Manteaux, Collarinhos para Senhoras, Mitenes de seda e filó, Sintos e Porta-moedas.

Preços sem competencia

Figura 5. Revista *O Olho da Rua*, abril de 1908.

A imagem acima, a moça usando um lindo espartilho, remete a ideia de que naquele momento, para uma mulher estar bem representada diante das pessoas, e também de bem com o mundo, precisava usar uma roupa igual ao da propaganda. Isso praticamente induz a mulher a seguir esse padrão de vida, ligado a futilidade e ao consumo, muitas vezes desnecessário.

As revistas sempre ocuparam um importante papel na vida das leitoras. Muitas vezes, fazem o papel de amigas conselheiras e confidentes. Nas páginas de muitas revistas, é possível perceber representações de feminino e masculino que retratam uma época, os modos de comportamento considerados válidos e legítimos para a parcela alfabetizada e de classe mediada sociedade brasileira daquele momento, impressos nas páginas de uma revista. Por meio da associação entre imaginário e social, as sociedades traçam identidade e estrutura representações através de símbolos, imagens, ideologias, mitos e rituais. (TEIXEIRA, 2012, p. 06).

Portanto, avista-se uma construção de identidade que a mídia impressa, enfoca para cima da mulher. Ditando o que é moderno e bonito para se seguir, o que irá trazer “benefícios” para com ela.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho realizado, tendo como objeto e principal corpus de estudo, as imagens editadas na revista paranaense *O Olho da Rua*, deu a possibilidade em realizar algumas análises, as quais dizem respeito ao estudo das representações levantadas pela imprensa paranaense no início do século XX. Foi possível resgatar algumas realidades da época, da história do feminismo. A forma que as mulheres foram retratadas na imprensa da época, muito se identifica com a mídia atual, é claro, em todas as épocas há suas divergências, restrições, porém, muita coisa permanece igual. Os assuntos indicados para a leitura das mulheres, como moda, culinária, novelas, eram um dos mais utilizados para chamar a atenção do sexo feminino.

A imagem da mulher devido ao machismo, por muito tempo, foi hostilizada pelo homem. Infelizmente, isso ainda ocorre nos dias de hoje, isso se vê em propagandas, comerciais, destaques em rótulos, como por exemplo, em latas de cerveja para chamar a atenção masculina. Isso se deve a questão cultural, cada país retrata a mulher conforme sua cultura.

Então, nesta pesquisa, evidencia o quanto a imprensa midiática desfavorece o bom desenvolvimento e crescimento positivo no andamento pela busca da igualdade entre as mulheres e os homens. A mídia representa a mulher da forma que ela deseja, tendo como objetivo obter lucro favorável para si própria.

7 REFERÊNCIAS

BAHLS, Aparecida Vaz da Silva; BUSO, Mariane Cristina. **Factos da actualidade: charges e caricaturas em Curitiba. 1900-1950.** Boletim Casa Romário Martins, v.33, n.42. Curitiba: FCC, 2009, p. 108.

BUENO, Wilma de Lara. **Mulheres Escritoras no Paraná nos anos 30.** 2002. Disponível: www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema5/0510.pdf. Acesso em 01 de mar. de 2013.

BUITONI, Dulcília Schroeder. **Imprensa feminina.** São Paulo: Ática. 2ª ed. Série Princípios, 1990, p. 11.

CHATIER, Roger. **O Mundo como Representação.** 1989. Disponível: www.scielo.br/pdf/ea/v5n11/v5n11a10.pdf. Acesso em 18 de jun. de 2013.

COELHO, Mariana. **A Evolução do Feminismo: Subsídios para a sua história.** 2ª ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002, p. 47-48.

DUARTE, Constância Lima. **Feminismo e Literatura no Brasil.** Disponível: revistas.usp.br/eav/article/view/9950/11522. Acesso em 01 de mar. de 2013.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa.** 3ª ed. Curitiba: Positivo, 2004, p. 1738.

KELLNER, Douglas. Guerras entre teorias e estudos culturais. In: _____. **A cultura da mídia – estudos culturais: Identidade e política entre o moderno e o pós-moderno.** São Paulo: EDUSC, 2001, p. 34-35.

O OLHO DA RUA. Curitiba, abr. 1908.

PERROT, Michelle. **Mulheres Públicas.** São Paulo: EDUSC, 1998, p. 78 – 79.

PLATÃO & FIORIN, **Para entender o texto – Leitura e Redação.** São Paulo: Ática, 2006, p. 371-377.

SANTOS, Juliana Anacleto dos. **Gênero na teoria social. Papéis, interações e instituições.** 2010. Disponível: www.ufjf.br/virtu/files/2010/05/artigo4a5.pdf. Acesso em 18 de jun. de 2013.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil para a análise histórica. Recife: SOS Corpo, 1996, p. 75.

SWAIN, Tânia Navarro. **Feminismo e Recortes do Tempo Presente mulheres em revistas “femininas”**. 2001. Disponível: www.scielo.br/pdf/spp/v15n3/a10v15n3.pdf. Acesso em 10 de jun. de 2012.

TEIXEIRA, Níncia Cecília Ribas Borges. **Imprensa Feminina e Pedagogia do Gênero**. 2012. Disponível: anais.jiedimagem.com.br. Acesso em: 10 de nov. 2012.